

## CONFERENCIA

# UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO: UMA MUDANÇA DE ATITUDE

---

**Evilázio Francisco Borges Teixeira**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

[vila@pucrs.br](mailto:vila@pucrs.br)

1

---

### Introdução

O início do século XXI trouxe a reiteração de uma velha aspiração: a de que os complexos problemas econômicos, políticos, culturais e sociais podem ser resolvidos por meio da educação e, de modo especial, pelas Instituições de Educação Superior.

O que distingue uma Universidade de qualidade? Uma universidade de alta qualidade deve ser distinguida pela forja ética do pensamento e pelas pessoas livres que sabem viver e viver juntas, homens e mulheres que são responsáveis pela sociedade e estão dispostos a colocar seus talentos a serviço do bem comum.

O período de transição que estamos vivendo e viveremos será uma época de perturbação, incerteza e criatividade, no qual continuará a busca por uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária. Para tanto, urge retomarmos uma antiga concepção de Universidade: aquele espaço de encontro entre mestres e discípulos em busca da verdade. E aqui verdade não se reduz à objetividade apenas.

A universidade deve estar atenta para manter ou, ainda, recuperar a sua contribuição civilizatória a partir da produção de conhecimento. Trata-se de impulsionar estratégias de reforma, partindo-se da plataforma do conhecimento e da educação, em que a instituição possui um rol fundamental, embora cada vez menos exclusivo.

Como nos lembra Boaventura de Sousa Santos (2011, p. 40): “O conhecimento universitário (...) foi, ao longo do século XX, um conhecimento predominantemente disciplinar, cuja autonomia impôs um processo de produção relativamente descontextualizado em relação às premências do quotidiano das sociedades”.

### **Formação integral**

A Universidade deve ser um local de encontro interpessoal e integração dos vários aspectos da vida humana. O encontro é precisamente o que possibilita a existência de aspectos existencialmente unificados que são usualmente vistos como opostos: interioridade e exterioridade, corporalidade e espiritualidade, temporalidade e eternidade, obediência e liberdade. Portanto, oferecer formação integral significa que cada professor se esforça para garantir que esses conceitos não sejam entendidos como opostos e dilemáticos, e para isso ele emprega os meios pedagógicos mais eficazes.

Se queremos formar pessoas e profissionais competentes, devemos educar pessoas com aspirações infinitas e corações sensíveis, entusiasmados e solidários, capazes de transformar criativamente o mundo e se aproximar fraternalmente do próximo, porque, caso contrário, estaríamos graduando operadores míopes, egoístas e estereis, talvez altamente eficientes, mas divorciados da vida. A educação se faz sempre na relação entre pessoas. Por isso a importância do diálogo –da participação– e de uma grande solidariedade humana.

A universidade não deve esquecer sua essência, não deve perder de vista por um instante aquilo que lhe é próprio: a vida intelectual. Contudo corremos o risco de confundir vida intelectual com produtividade para nos referirmos a simples ação de escrever e publicar. Vida intelectual é muito mais do que isto. No caso da docência, a razão disto é simples: educar implica em saber cuidar, conduzir, mudar hábitos e aplicar o conhecimento em prol da realização humana na sua singularidade e como bem coletivo. Educação ligada com a vida. “A gente aprende para viver melhor, ter mais prazer, mais eficiência, poupar tempo, não se arriscar” (Alves, 2011).

### **Missão e mercado**

Mercadorização da universidade identificada em duas fases (Santos, 2011)

- a. no início da década de 1980 até meados da década de 1990, expande-se e consolida-se o mercado nacional universitário;
- b. na segunda, ao lado do mercado nacional, emerge com grande pujança o mercado transnacional da educação superior universitária, o qual, a partir do final da década, é transformado em solução global dos problemas da educação por parte do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio. 1989 – Consenso de Washington, economista John Williamson.

Em 1999 o acordo de Bolonha, que reuniu ministros da educação de diversos países, introduziu no panorama educacional conceitos como os de competências e habilidades. Infelizmente, esta linguagem foi confundida com a construção de uma educação superior prioritariamente formadora de mão de obra qualificada para o mercado. A partir deste momento, houve uma grande expansão do ensino superior de um modo descolado da antiga tradição da universidade como *anima mater*, ou seja, a mãe ou a alma nutriente, que deixa marcas indeléveis na formação da pessoa humana; alguém que para além do conhecimento técnico necessita fundamentalmente de um novo *ethos*. Criou-se um tensionamento entre a missão da universidade e as necessidades do mercado. Não se tratam de aspirações incompatíveis, mas também não podem ser reduzidas a superfície, ao mero produto, a tirania dos rankings ainda que sejam importantes.

Estamos falando de uma educação que leve em consideração, para além de tudo aquilo que já conhecemos como indicadores de qualidade,

Max Weber (1930, p. 182) nos deixa um ponto para tomarmos atenção, cuidado para não nos tornarmos: “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração; esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca antes alcançado”. Lembrando que corpo e alma formam uma só unidade logo encontramos aqui um dos mais importantes valores da Educação: a presença. O que não quer dizer apenas estar no ambiente universitário, mas como uma oportunidade de formação e crescimento em todos os sentidos; formação que se expressa no diálogo permanente com toda a comunidade universitária.

3

Comunidade tem relação com a experiência de pertença. Estamos em comunidade cada vez que nos encontramos num lugar onde pertencemos. Aquele sentimento profundo de que fazemos parte de algo que é maior que nós; a capacidade de estar presente e encontrar o propósito mais profundo em tudo o que fazemos. Fazer parte de uma comunidade é experimentar a sensação de segurança que surge de um lugar onde estamos emocionalmente, espiritualmente e psicologicamente inteiros e como membros (Block, 2008).

Segundo Daniel Goleman e Peter Senge, em *O foco triplo: uma nova abordagem para a Educação* (2015), para sermos inteiros precisamos nos conectar com o nosso senso de propósito e nossas aspirações mais profundas, compreendendo por que nos sentimos de determinada maneira e o que fazer em relação a esses sentimentos. O foco interno é a chave para uma vida significativa. E os pensamentos? Estudos mostram que a nossa mente divaga cerca de 50% do tempo. Para Heidegger o ser humano ainda que tenha a possibilidade de pensar não garante que realmente saiba fazer isso. Para ser capaz de algo, é necessário deixar que algo entre em nossa vida, sentir-se inclinado a isso.

## Empatia

Na obra *O Foco Triplo*, de Goleman e Senge (2015), há uma ênfase no aperfeiçoamento da autoconsciência, da autogestão, da empatia, das habilidades sociais como elementos que trazem benefícios para o desenvolvimento pessoal e o desempenho acadêmico. Como seres humanos, precisamos sempre compreender o eu, o outro e os sistemas mais amplos dos quais somos parte.

- a. Empatia cognitiva: compreender como as outras pessoas veem o mundo, como pensam a respeito dele e compreender suas perspectivas e seus modelos mentais;
- b. empatia emocional: uma conexão cérebro a cérebro que nos proporciona uma percepção interior instantânea de como as outras pessoas se sentem –percebendo suas emoções de momento em momento. Isso possibilita a “química” em nossas relações com as pessoas;
- c. preocupação empática: é preciso querer a ação empática, como O Bom Samaritano, alguém que está sintonizado e para com a intenção de ajudar.

A crise na filosofia fundacional é também o fim de uma visão progressiva dos eventos com uma ênfase sobre o novo, com superação de etapas e estágios como previa o projeto moderno. “A hermenêutica da escuta constitui-se, assim, num exercício de interpretar e de escutar não mais a voz do ente, mas o apelo do ser despotencializado que vive a verdade como abertura e horizonte e não mais como fundamento último” (Goulart, 2021, p. 12).

Sob essa ótica, poderíamos nos perguntar sobre o papel da universidade e do currículo. Num labirinto de interpretações, caberia à universidade (e aos processos educacionais como um todo) nos ajudar a movermo-nos num emaranhado de discursos, vivendo cada texto como singular e cada experiência como fragmento de uma totalidade inatingível. Nesse sentido, um dos riscos que corremos é o do relativismo ético.

Não se pode mais pensar nem praticar a pedagogia e o currículo como antes. Estamos diante do desafio da docência artística a ser vivida em tempos de diversidade cultural, como propõe Sandra Corazza: uma pedagogia da escuta, cada vez mais curiosa, atenta à diversidade cultural, entendendo-se a cultura como uma atividade de produção de verdades, um campo de batalha em torno a criação e fixação de significados na sociedade. (Goulart, 2021, p. 12)

Se a contemporaneidade tem na incerteza sua marca, como apresentar uma “verdade”, uma mensagem hermética? O tempo faz mudar a proposição. Comunicar é preciso. Compreender as necessidades do *outro*, em seu contexto, e levar adiante os valores institucionais em permanente diálogo passa a ser uma premissa.

Diálogo requer capacidade de escuta e um genuíno desejo de criar vínculos. Mas como nos alerta Byung- Chul Han (2018), vivemos também a era da sociedade do cansaço que se desdobra lentamente numa sociedade do doping cerebral, afinal somos o tempo todo cobrados por desempenho e vivenciamos todos os tipos de excessos. O excesso pode levar ao infarto da alma. Certamente todos concordamos que este fato ocorre não apenas na vida pessoal, mas sobretudo na vida profissional diante de um cenário de incertezas.

### A mística do instante

O escritor, poeta e Cardeal [José Tolentino de Mendonça](#) em sua obra *A Mística do Instante* (2016) destaca a importância dos cinco sentidos na construção do eu, no reconhecimento do outro há, contudo, uma condição fundamental: despertar os sentidos. Trata-se antes de encontrar uma nova hermenêutica, de arriscar uma nova síntese, de propor, partindo do ato de crer, mas também do ato de viver uma nova gramática sapiencial.

Enfatiza o Cardeal Tolentino (2016): faltam-nos hoje não apenas mestres da vida interior, mas simplesmente da vida, de uma vida total, de uma existência digna de ser vivida. E eu pergunto a vocês: seríamos nós, professores, pesquisadores, técnicos, capazes de sermos mestres da vida interior como membros de uma mesma comunidade?

A mística do instante é uma declaração de amor à vida e um empenho na construção de um futuro comum. Mística, como bem salienta nosso autor, há sempre de ser sinônimo de liberdade. Essa liberdade imensa, de tudo, de todos e de si, que requer a compreensão da interdependência que nos custa tanto ver: entre micro e macro, próximo e distante, dentro e fora, nosso e dos outros, atividade e repouso, silêncio e palavra, quietude e gesto, imobilidade e viagem, primavera e inverno, fome e pão, agora e depois.

Basta abrímos os olhos para a sabedoria que o instante nos propõe. Este instante de agora é o nosso presente. O próximo instante é o desconhecido.

A mística, entendida como experiência integral da vida, desafia-nos a uma nova composição onde os opostos (matéria e espírito, corpo e alma, razão e sentimento, *logos e mito*, prosa e poesia) são reconhecidos e mantidos conjuntamente, em harmonia.

Gosto de uma analogia presente neste inspirado livro de José Tolentino de Mendonça (2016). Diz ele:

Mudanças e rupturas culturais aconteceram. Na orientação das nossas viagens, deixamos de recorrer à bússola e passamos a utilizar o radar. Isso significa o que? Significa que não estamos mais ligados a uma direção precisa. É verdade que o radar vai em busca do seu alvo, mas essa busca implica agora uma abertura indiscriminada, plural, móvel. Com a bússola éramos claramente apontando um Norte, e só uma direção: o radar vem potencializar e tornar complexa a procura. Diversificam-se os sinais e multiplicam-se igualmente os caminhos.

### Considerações finais

O livro *A última grande lição*, de Mitch Albom (1998), trata dos últimos dias do Professor Morris Schwartz e traz algumas importantes lições para todos os mestres. É bem verdade o que ele diz, observando alguns de seus alunos: “Tanta gente anda de um lado para outro levando vidas sem

sentido. Parecem semiadormecidas, mesmo quando ocupadas em coisas que julgam importantes. Isso acontece porque estão correndo atrás do objetivo errado” (Albom, 1998, p. 42). E complementa: “É tudo o mesmo problema (...) Colocamos os nossos valores em coisas erradas. Isso leva a uma vida de desilusões” (Albom, 1998, p. 101). E lastima “Não importa onde vivamos, o maior problema dos seres humanos é a miopia intelectual. Não enxergamos o que podemos ser. Devíamos atentar para o nosso potencial e nos esforçar para alcançar tudo o que podemos ser” (Albom, 1998, p. 126).

Leveza que nos pede, conforme Byung-Chul Han (2018), uma nova forma de vida, uma nova narrativa donde possa surgir uma nova época, um outro espaço vital, uma forma de vida que nos resgate da estagnação espasmódica. A festa é o evento, o lugar onde estamos juntos com os deuses, onde inclusive nos próprios nos tornamos divinos. Os deuses se alegram quando os seres humanos jogam e brincam. Vivemos uma época sem festas, desprovidas de celebrações, mais repleta de espetáculos. Precisamos também da festa e da celebração. A festa realiza um instante de elevada intensidade vital. E o que é a festa senão a possibilidade do encontro humano.

Concluo fazendo alusão a dois grandes literatos, mestres da alma humana Fyodor Dostoiévski (2022, p. 589), “a beleza salvará o mundo”; para o autor dos Irmãos Karamázov (2019), dentre outras obras imemoráveis, a beleza expressa um princípio único, juntamente com a Verdade e o Bem. Esta tríade entre beleza, bondade e verdade são inseparáveis. Quando adentramos no grande pórtico da nossa Universidade, Lemos “Ad verum ducit”, alguns traduzem por “conduz a verdade”, talvez melhor ainda seria “conduz aquilo que é verdadeiro”. A verdade sem o Bem e a Beleza é palavra vazia, assim como a Beleza sem a Verdade e o Bem pode tornar-se uma idolatria estética, como o Bem separado da Verdade e da Beleza gera um sentimento de indiferenciação. O Ser Humano porta no seu âmago o anseio de Verdade, de Beleza e de Bem.

Em a Tempestade, de Shakespeare (2011), as palavras são proferidas pelo Próspero no ato IV, ele está preso, Miranda e Ferdinando – filho do Rei de Nápoles, então conversam com ele: ela nos lembra que somos feitos do mesmo material usado para tecer nossos sonhos; somos o que sonhamos ser. Nossa identidade é definida mais pelos nossos projetos que por nossas realizações, mais por nossos sonhos que pela nossa realidade.

### Referências

- Albom, M. (1998). *A última grande lição*. Rio de Janeiro: Sexante. Alves, R. (2011). *A escola ideal: O papel do professor*. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>
- Block, P. (2009). *Community: The structure of belonging*. Oakland: Berrett-Koehler Publishers.
- Dostoiévski, F. (2022). *O idiota*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dostoiévski, F. (2019). *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34.

- Goleman, D., & Senge, P. (2015). *O foco triplo: Uma nova abordagem para a educação*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Goulart, A. (2021). Prefácio. In E. R. Quevedo, & A. C. Sofiati (Orgs.), *Práticas e novos repertórios para as infâncias e juventudes*. Cachoeirinha: Editora Fi.
- Han, B.-C. (2018). *A sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro: Sexante. Mendonça, J. T. (2016). *A mística do instante*. Porto Alegre: Paulinas.
- Santos, B. S. (2011). *A Universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade* (3 ed.). Perdizes: Cortez.
- Shakespeare, W. (2011). *A tempestade*. Porto Alegre: L&PM.
- Weber, M. (1930). *The protestant ethics and the spirit of capitalism*. New York: Charles Scribner's Sons.

### Sobre o autor

Evilázio Francisco Borges Teixeira. Possui graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015), MBA em Gestão e Liderança Universitária na UNISUL (2007); graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1996); graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997); mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998); mestrado em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (2000); doutorado em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (2002) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Università Santo Tomás de Aquino (2004). Professor titular do programa de pós-graduação em teologia da Escola de Humanidades da PUCRS. Possui formação em psicanálise e é membro do Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica de Campinas. Tem experiência na área de Gestão Educacional, Conselhos de Administração, Teologia e Filosofia, com ênfase em Hermenêutica, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, universidade, psicanálise, educação, espiritualidade e modernidade. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2307-7455>